

Alerta. Nos últimos cinco anos, mais que dobraram as mortes nas rodovias federais que cortam o Estado

O inimigo mora ao lado

FOTOS: BERNARDO COUTINHO

O drama e o medo de famílias que têm de conviver com a companhia do perigo nas estradas

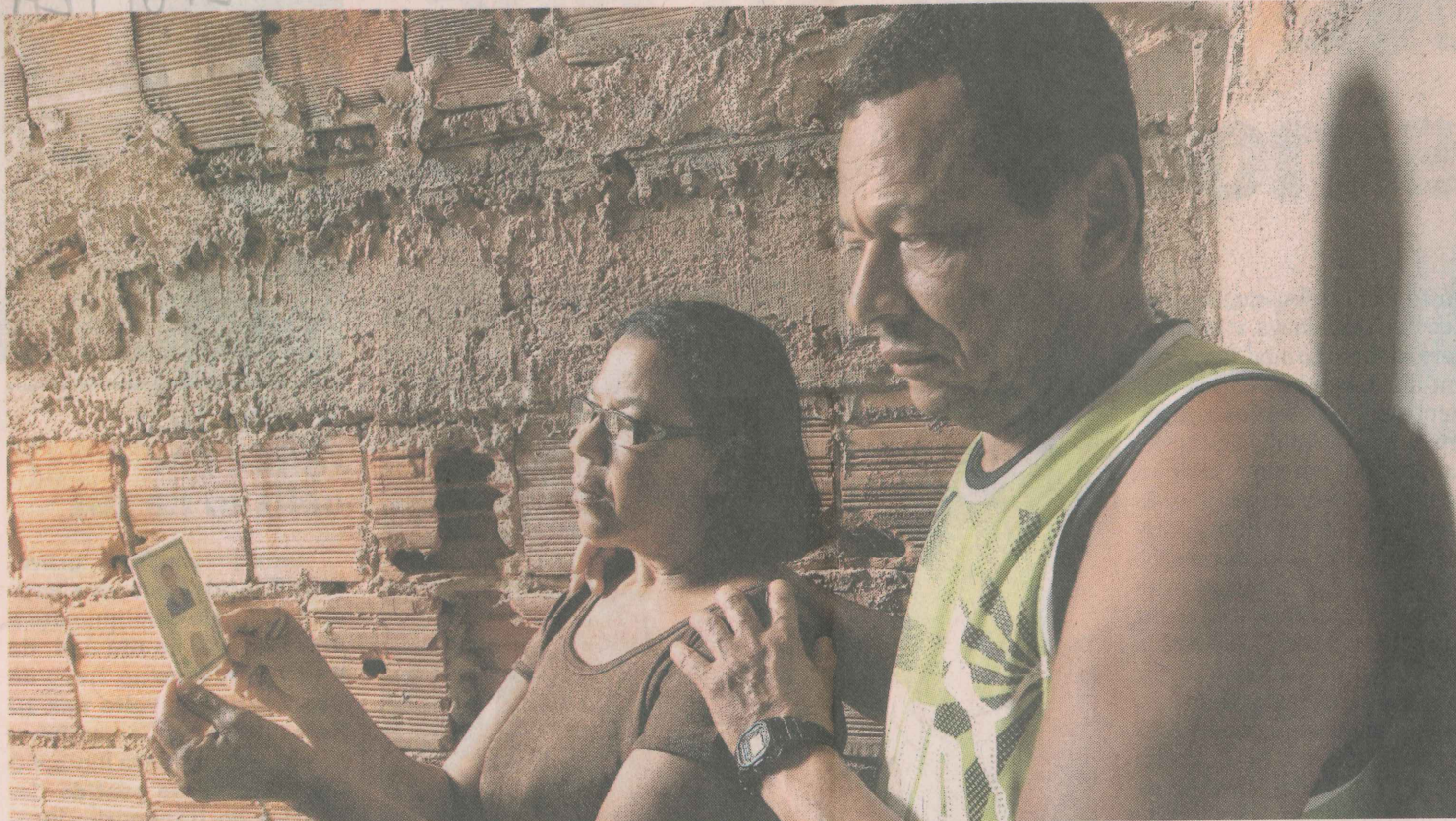
MAURÍLIO MENDONÇA
mgomes@redgazeta.com.br

■ ■ Ao lado do asfalto por onde a vida corre em ritmo frenético sobre rodas, mulheres estendem roupas no varal, e crianças brincam. Parecem dois mundos: um do vai e vem diário de cargas e passageiros nas rodovias, outro do ritmo pacato das localidades que vivem às margens delas. Desse encontro de realidades tão diferentes, o resultado é, muitas vezes, de dor e famílias marcadas para sempre pela tragédia.

Quem mora próximo das rodovias sabe: o medo é companheiro diário. Raro é encontrar alguém que nunca tenha perdido um amigo ou um parente no asfalto. O perigo é real, passa todos os dias nos fundos dos quintais e tem que ser enfrentado. É preciso atravessar o trânsito pesado para chegar à escola ou encará-lo de carro para ir ao trabalho. E é quase uma loteria conseguir chegar a salvo em casa.

Nunca se sabe, por exemplo, quando vai cruzar com um motorista embriagado pelo caminho. Como aconteceu com Maycon William Entringer, atingido, em sua moto, por um condutor que havia bebido quando seguia pela BR 262. Para Maycon, acabava ali, aos 19 anos, os sonhos de uma vida que mal começara. Para sua mãe, Bernadete Maria Tschäen Entringer, começava o longo calvário do luto de perder um filho.

Moradora de Marechal Floriano, na Região Serrana, ela



DOR SEM FIM. Odete e Waldemir perderam o filho Fabrício, 20 anos, atropelado na Rodovia do Contorno, quando ia para o trabalho



“**Não consigo segurar o choro ao falar do meu filho. Maycon era um menino tão bom. Sei que a saudade que sinto dele nunca vai acabar. Por isso não posso aceitar que o responsável pela morte do meu filho saia impune**”

Bernadete Tschäen Entringer
Mãe de Maycon William Entringer

de Fabrício, Waldemar Conceição da Silva, 54, viu, mas prefere esquecer. “Não posso evitar o local. Às vezes presto serviço a uma empresa que fica ali em frente. Minha única opção é aceitar e tentar não ter medo dessa rodovia”, destaca o pedreiro.

Fabrício é uma vítima entre as 94 que perderam a vida na Rodovia do Contorno e no trecho urbano da BR 101, em Carapina, na Serra.

Os dois locais concentram mais da metade das mortes por atropelamento registradas ao longo de toda a BR 101, no Espírito Santo, em 2010.

O TEMPO NÃO CURA

Não importa se a perda aconteceu há meses ou há anos. Para quem fica, a sensação é que a dor jamais passará. Para Lourdes Pianzoli Sessa, 58 anos, lá se vão 16 anos desde que o filho morreu na BR. Tanto tempo depois, ela continua fechando os olhos ao chegar em Marechal Floriano. Não consegue encarar a rodovia onde, em outubro de 1995, o menino de 12 anos morreu atropelado quando andava de bicicleta no acostamento, a cerca de 200 metros de casa.

Lourdes ainda mora em Marechal, na mesma casa, com o marido e a filha, de 26. Rogério estaria com 28 anos hoje. “Com esse tempo todo já era para eu ter esquecido. Mas o coração não esquece nunca”, diz a mãe. E lembra: “Ele adorava andar de bicicleta e no dia do acidente saiu de casa sem avisar, com um amigo, para passear”.

Os dois pararam na BR 262, no trevo de acesso à Marechal. Quando saíam da rodovia, um carro não viu Rogério no acostamento e passou direto, jogando a criança a dez metros.

chora ao lembrar quantas vezes alertou o filho para ter cuidado na estrada. “Ele falava que eu não precisava ter medo. Dele não, eu sei bem. Meu filho não bebia nem fumava, andava devagar. Eu não tinha medo do jeito que ele conduzia, mas dos outros”, diz.

Dois anos depois, ela ainda não consegue esquecer do dia em que entraram na sua casa para avisar de que o filho tinha sofrido um acidente. E, pior do que reviver a cena ao passar pela BR, é saber que o culpado continua impune. “Corro o risco de encontrar esse homem na rua. Mesmo estando bêbado, ele pagou fiança e foi solto”, diz. A Justiça decidiu nesta semana que o acusado vai a júri popular para responder pelo crime de homicídio. Mas cabem recursos em segunda e terceira instâncias.

Com tanta demora, o luto, para ela, virou luta. A faixa, no portão de casa, deixa claro seu objetivo, assim como a camisa, que distribui aos montes todo 1º de maio, em protesto à morte de Maycon. Por um dia, os motoristas que passam apressados pela BR 262 são forçados a parar e ver a dor de uma mãe que teve seu filho levado pelo asfalto. “É essa dor que me dá força para lutar”, frisa, incansável.

MAIS DO QUE NÚMEROS

Nos últimos cinco anos, mais que dobrou o número de mortes nas rodovias federais que cortam o Espírito Santo: de 147, em 2006, para 314, no ano passado. Além disso, em 2010, 56% dos acidentes e 24% das mortes aconteceram em 100 dos 805 quilômetros de vias federais que cortam o Estado - justamente, nos trechos urbanos, cercados de moradores.

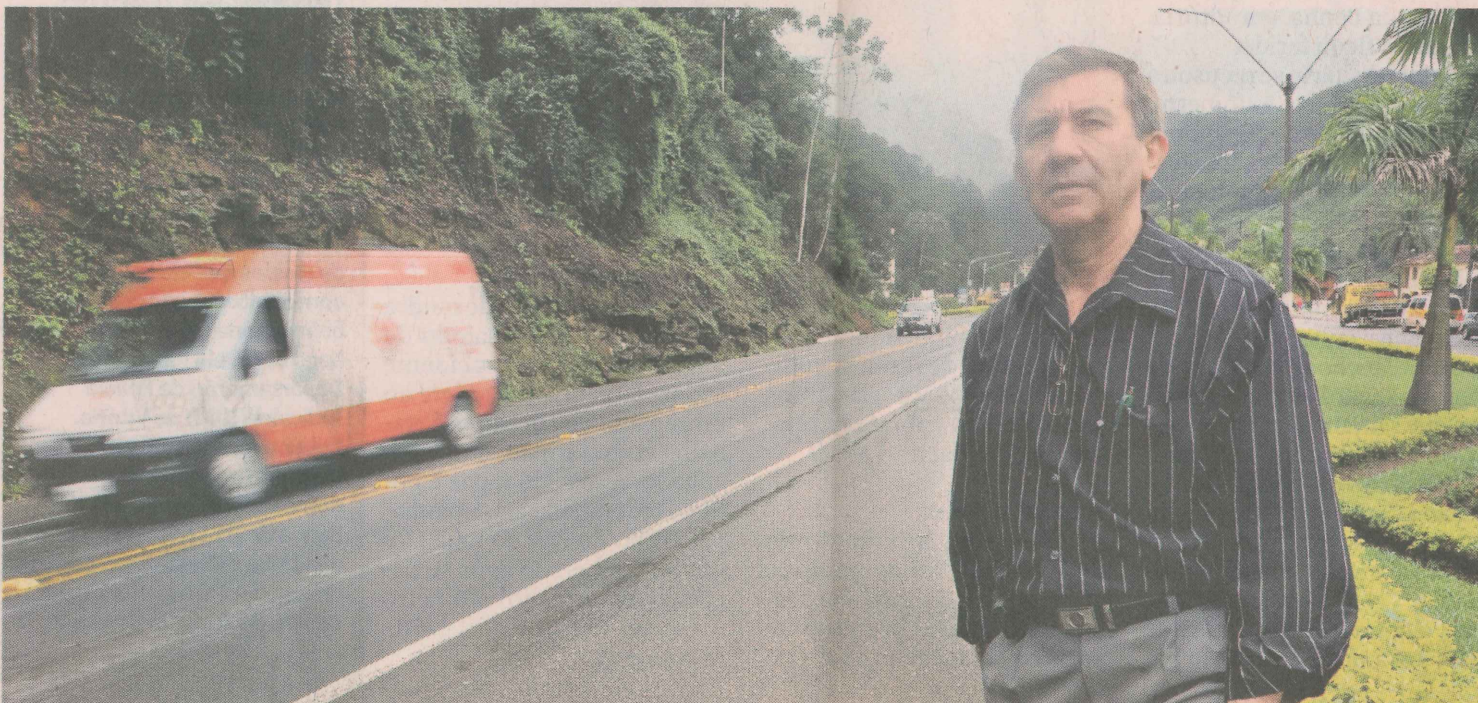
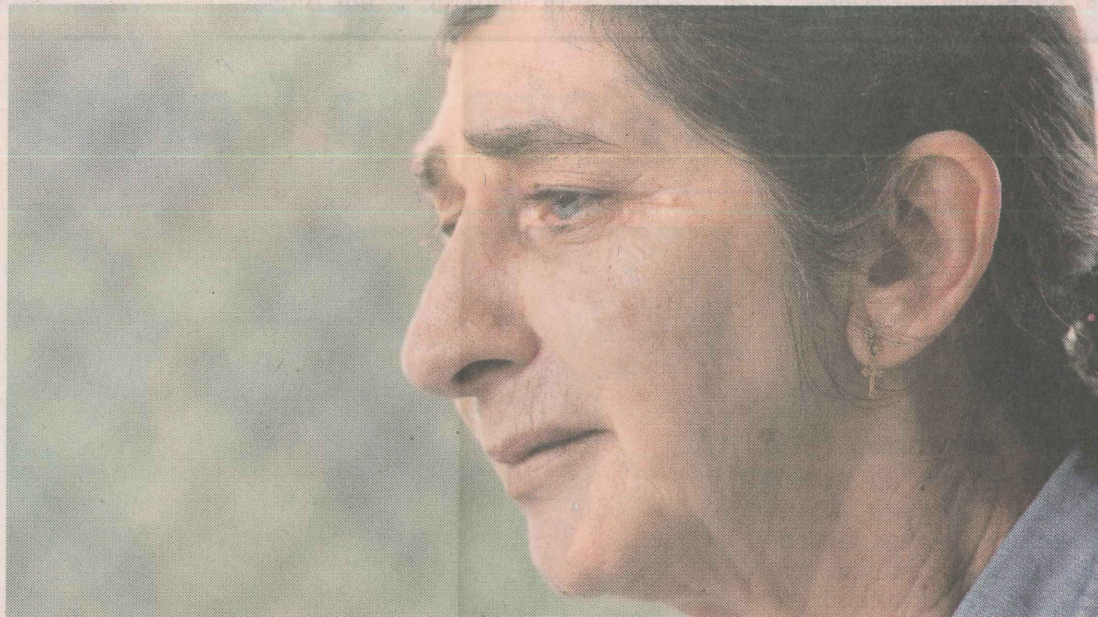
“É muita dor, é muita morte; é pouca responsabilização, é pouca atenção ao atendimento a essas famílias. Apesar de conviver com tantos acidentes, nunca é fácil ouvir a lamentação de uma mãe ou o choro de um pai”, frisa o delegado de Delitos de Trânsito, Fabiano Contarato.

Os muitos anos de contato com os parentes das vítimas não tiram a preocupação em



Meu filho teria hoje 28 anos. O amigo que estava com ele no dia do acidente mora em Minas Gerais. Sempre quando o vejo não consigo evitar de pensar em como o meu filho estaria hoje, mais velho. Eu nunca saberei”

Lourdes Pianzoli Sessa
Mãe de Rogério Pianzoli Sessa



CONSOLA. Dezesesseis anos depois de perder a irmã e os quatro sobrinhos, José Evangelista vence a dor da morte trabalhando nas estradas

buscar um resultado que acalente o sofrimento impossível de ser extinto. “Eles são obrigados a conviver com o local do acidente, a passar por onde o ente querido morreu. É uma referência eterna de dor”, lamenta o delegado.

Para a psicóloga e terapeuta de família Daniela Reis e Silva, cada pessoa descobre a sua maneira de conviver com o luto. “Não há como fugir de uma situação dessas. E também não há uma fórmula ou receita para enfrentar a dor da perda”, diz. Toda terceira segun-

da-feira do mês, ela se reúne com pessoas que perderam algum ente querido, no grupo de Apoio a Perdas Irreparáveis (API), na Emescam.

“São histórias e reações diferentes. No caso de acidentes de trânsito, muitos enlutados deixam ou evitam passar pelo local, trocam o trajeto e chegam, até, a mudar de casa. A dor é inerente à situação, mas pode ficar mais difícil entender ou aceitar essa perda quando ela acontece perto de casa ou quando a pessoa é testemunha ou está envolvida no

acidente”, conta Daniela.

E A ESTRADA CONTINUA LÁ

Odete Angélica Nascimento da Silva, 52 anos, ainda evita passar no local da morte do filho, na Rodovia do Contorno, a poucos metros da casa da família, em Cariacica. A rodovia, para ela, é a prova da dor com a qual convive desde o dia 26 de setembro do ano passado, quando recebeu a notícia da vizinha: seu filho, que havia acabado de sair de casa para ir trabalhar, a pé, havia sido atropelado.

Sem pensar, em minutos

Odete chegou ao acidente. “A multidão em volta me cegou”, conta ela. E agradece por isso. “Cheguei a rodear o carro que o atropelou e não o vi. Imaginei que deveria estar embaixo”. Não estava: com o impacto, Fabrício, 20 anos, foi jogado em direção a um caminhão, bateu no contêiner carregado pelo veículo e voltou, caindo em cima do carro que o atingiu.

“Se já está difícil ter que passar pelo local onde ele morreu, imagina como seria se eu tivesse visto meu filho morto?”, pergunta a mãe. O pai

ganda a criança a dez metros. Ele morreu no hospital; e o motorista fugiu do local, sem prestar socorro.

“Hoje, guardo fotos e algumas coisinhas que eram dele, mas dentro de uma caixa, bem escondida. Não é fácil tocar no assunto. Já basta ter que conviver com a rodovia”, lamenta Lourdes.

O LUTO E A CULPA

Para José Evangelista de Souza, 57 anos, suportar a perda de parte de sua família - a irmã e os quatro sobrinhos - só foi possível quando ele começou a ajudar a outras pessoas na mesma situação, atuando como socorrista de seguradora de veículos em rodovias do Estado.

Pastor da Igreja Assembleia de Deus, ele conta que o carro, dirigido pelo sobrinho mais velho, entrou na contramão para fazer uma ultrapassagem e se chocou contra um caminhão; os cinco morreram na hora. Eles tinham acabado de sair de casa, em Marechal.

Independentemente de ter visto dezenas de mortes nas estradas, uma pior do que a outra, o pastor ainda se sente um pouco responsável pela morte dos parentes, 16 anos depois.

“Eu tenho as vítimas no meu sangue. Meu sobrinho era inexperiente no volante. Não deviam ter saído de manhã cedo, escondido, sem falar para ninguém. Eles sabiam que eu não iria deixar”, frisa Souza, logo depois de contar que foi ele quem trouxe a família toda do Ceará. “Hoje, eu luto contra a falta que eles fazem na minha vida”. E finaliza: “A dor a gente nunca esquece”.

Ajuda com o luto

API - APOIO A PERDAS IRREPARÁVEIS. Atende a parentes de vítimas de trânsito **INSCRIÇÕES.** PELO E-MAIL REDEAPI.ES@GMAIL.COM **CONTATO.** 3225-1776 **REUNIÕES.** SEMPRE NA TERCEIRA SEGUNDA-FEIRA DO MÊS